

**Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras
Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE)**

**Leitura em sala de aula - as múltiplas linguagens e a imagem social da
adolescência.**

Eunice Gimenes Fernandes

2007 - 2008

AGRADECIMENTO

Agradeço à equipe que, em Faxinal do Céu, idealizou as bases daquele que viria a ser o PDE.

Agradeço aos órgãos que implantaram o PDE.

Agradeço a todos que me permitiram aprender ao longo desta jornada, especialmente ao professor Pedro, pela paciência e serenidade com que sempre nos orientou.

RESUMO

A busca da proficiência em leitura entre os alunos do Ensino Médio, norteou este trabalho, que tem na Análise do Discurso seus alicerces teóricos. Através de algumas reflexões básicas, procurou-se demonstrar como a escola pode e deve tentar superar os entraves que permeiam suas atividades docentes. Através de uma nova postura, que dê relevância ao leitor como recriador do texto, e oferecendo-lhe subsídios que lhe permitam estabelecer paralelos entre os muitos textos das múltiplas linguagens, e entre estes e sua própria vida, a escola deve ter como princípio norteador a formação de jovens leitores proficientes, críticos, mas também humanos e éticos. Para tal deve fazer uso das muitas linguagens que o mundo atual nos oferece, através de atividades que falem de perto aos interesses do jovem, sem esquecer de lhes acrescentar a bagagem cultural acumulada pela humanidade, e que cada situação pedagógica permite. Frente ao estado de desmotivação e desinteresse pelas coisas do estudo, (pelo menos diante da forma tradicional como a escola vem trabalhando) que grande parte de nossa juventude demonstra, acredito que os resultados foram satisfatórios, dando ensejo para a reafirmação daquilo em que acredito: a escola tem de mudar, sob pena de graves prejuízos, não só para cada um individualmente, senão para a sociedade como um todo, como nação.

PALAVRAS-CHAVE

Leitura. Proficiência. Adolescência. Linguagens. Mudanças.

ABSTRACT

The search of the proficiency in reading among the students of the High School, has directed this work, that has in the analysis of the speech its theoretical bases. Though some basic reflections, it tried to show as the school can try to overcome the problems that permeate the educational activities. Through a new posture, that gives relevance to the reader as recriator of the text, and giving him subsidies that allow to establish parallels among the many texts of the multiple languages, and between these and their own life, the school should have as principle the proficiency of critical yo readers, but also humans and ethical So it should make use of the many languages that this world offer sus, Through activies that speck closely to the youth's interests, without forgetting to giving them the accumulated cultural luggage by the humanity, and each pedagogic situation allows. In front of the indifference for the things of the study, (in face of traditional way as the school is working) that great part of our youth shows, I believe that the results were satisfactory, giving opportunity to the reaffirmation on things I believe: the school has to change, under risk of great damages, not only for each one but to the all society, as a nation.

WORD-KEY

Reading. Proficiency. Adolescence. Languages. Changes.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende ser um estudo reflexivo da implementação do meu Plano de Trabalho, levada a efeito no primeiro semestre deste corrente ano, como parte das atividades exigidas pelo PDE, Plano de Desenvolvimento Educacional, do governo do Estado do Paraná.

Tendo por tema a proficiência em leitura, as atividades práticas tiveram embasamento teórico na Análise do Discurso, sendo meu professor – orientador o Dr Pedro Luis Navarro Barbosa, da Universidade Estadual de Maringá-Uem.

Com o título “Leitura em sala de aula - as múltiplas linguagens e a imagem social da adolescência”, esse trabalho permitiu a observação e discussão de alguns dos muitos entraves que emperram o ensino, no que concerne às questões da leitura e escrita. Na tentativa de se encontrar um caminho que possa superar, ou pelo menos minimizar tais empecilhos, torna-se urgente procurar saídas, promover tentativas, enfim, todo esforço deve ser dedicado para auxílio de tão árdua busca.

Como o próprio título revela, não nos prendemos à análise dos textos verbais apenas, ao contrário, procuramos levar para o aluno um rol bem diversificado, dentro das muitas linguagens, sendo todo esse material de alguma forma vinculado à fase da vida em que os alunos com os quais trabalhei se encontram, a adolescência, pois a implementação aconteceu em classes de primeiro ano do Ensino Médio. Este foi um dado importante para a relativa boa aceitação do projeto.

Sabe-se que, na adolescência, há um recrudescimento dos conflitos interiores, uma exacerbação das emoções, uma ânsia por respostas às angústias e esperanças. Esta é uma fase em que o jovem tem grande necessidade de auto-afirmação. Neste momento a leitura, em suas múltiplas linguagens, pode tornar-se uma poderosa aliada –dele e nossa.

Voltar-se para essa atividade pressupõe um encontro implícito com o mundo e, antes, um encontro solitário e silencioso consigo mesmo. Ler tem como conseqüência natural pensar, e pensar faz ver com novos olhos: o mundo, o outro, a si mesmo. Em outras palavras, ler permite conhecer-se, e à realidade em que se vive, de forma mais abrangente e

profunda e, principalmente, ter a possibilidade de interagir em sociedade mais intensa e efetivamente, sentindo-se livre e, ao mesmo tempo, responsável. Enfim, vivenciando a experiência lingüística como algo criador, que sustenta e transforma a individualidade, ao mesmo tempo que liberta.

Frente aos testes aplicados aos alunos por órgãos governamentais e não-governamentais, e sempre com resultados gravemente negativos, muito aquém do minimamente desejável, e que a mídia expõe todos os dias para apreciação da sociedade; pela vivência cotidiana em sala de aula, pela observação e reflexão acerca das dificuldades que os alunos apresentam no manejo da língua, menos por não saberem organizar o próprio pensamento e as estruturas do idioma, e muito mais simplesmente por estarem alheios ao fato de que têm ou podem ter idéias a respeito de um determinado assunto; pela ausência quase que total do desejo de pensar e de aprender, demonstrado pela maioria deles, é que tenho a convicção, a cada dia mais cristalizada, de que esse estado de coisas não pode perdurar, sob pena de graves prejuízos para a sociedade.

De fato, os resultados alcançados, só para citarmos um caso, pelos alunos do Ensino Médio, a desmotivação que ostentam e o despreparo em que se encontram, e que constatamos a cada dia, nos dão motivos mais que suficientes para sérias e profundas reflexões, e conseqüente tomada de posicionamento quanto ao que e como se ensina, e ao que desejamos que nosso aluno aprenda. Vamos continuar com programas de repasse de conteúdos, apenas, ou vamos pelo caminho que conjuga o conhecimento à prática da reflexão, numa tentativa mais que necessária de formação de personalidades livres e responsáveis, que entendam o mundo pessoal e à sua volta, tendo capacidade para formular opiniões próprias, organizando-as de maneira adequada, seja oralmente ou por escrito? Acreditamos na sabedoria da segunda opção, esta a razão da escolha e justificativa deste estudo. Com ele espero humildemente contribuir com o ensino, nos aspectos que se referem à leitura e à escrita.

Tentar reverter o atual quadro requer paciência, coragem para errar e ver os próprios erros e, principalmente, muita vontade de acertar, entendendo-se, aí, muita pesquisa, estudo, trabalho. E foi tendo em mente essas idéias que me propus alcançar, com o trabalho desenvolvido, alguns objetivos ambiciosos, quais sejam: proporcionar condições para que o aluno percebesse, na leitura, aquilo que está implícito, as possíveis deduções e

relações ali presentes, como também que tivesse autonomia para perceber-se um leitor-autor, isto é, aquele que pode buscar, no texto, outros significados, novas percepções, libertando-se da idéia estreita de que o sentido para determinada leitura é único e fechado, foi determinado pelo autor e, em nenhuma hipótese pode ser questionado, contestado ou modificado. Concomitantemente, que alcançasse maior autonomia para apreender as muitas nuances do mundo em que vive, e também compreensão dos próprios conflitos e anseios, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos, para uma inserção em sociedade mais consciente e responsável

Também desejava que os alunos lessem mais e com mais proficiência, que tivessem maior liberdade para chegar às próprias conclusões; que essas conclusões fossem aceitas e respeitadas, ainda que em desacordo àquelas normalmente esperadas; que se perguntassem mais sobre si mesmos e o mundo, que adquirissem o hábito de pensar sobre o que foi lido, desenvolvendo redes de relações entre as leituras feitas e a prática diária de cada um em particular, e com seu mundo social. entendendo como texto à essa imensurável gama de mensagens produzidas através da linguagem verbal e não-verbal, estabelecendo suas diferenças e concordâncias, através de paralelos geográficos, sociais, culturais, históricos, estéticos ou outros possíveis, sabendo posicionar-se com criticidade em relação ao que foi lido, tendo presente o sujeito histórico e seu contexto, isto é, as condições de produção, os interlocutores, o direcionamento e a possível intencionalidade oculta na obra, transferindo para a prática da linguagem verbal esse rol de conhecimentos e descobertas, pelo gradativo aprimoramento das produções orais e escritas. Ainda, que o jovem fosse capaz de analisar os textos selecionados, tentando observar as posições de sujeito assumidas em relação ao tema, que pudesse verificar a memória social sobre a juventude, através destes textos, estabelecendo as outras vozes ali presentes, e buscando, nos textos em estudo, as condições de produção em que os mesmos se deram, sem esquecer, que apresentassem aprimoramento da própria linguagem, tanto na oralidade quanto na escrita. Enfim, eram grandes e belos objetivos. Terei conseguido? Talvez...talvez alguns alunos tenham dado o primeiro passo, outros tenham se adiantado um pouquinho na longa jornada que se estende por anos e anos de estudo. Para muitos, ainda não chegou o tempo. Ele virá, quem sabe de outras formas.

Num mundo cercado de tecnologia, onde o jovem tem ao alcance da mão, num simples pressionar de dedos, todo conhecimento acumulado por milênios pela humanidade, parece contraditório afirmar-se que falta, ao adolescente, a consciência de que tem, ou pode ter idéias, ou, mais grave ainda, falta-lhe o desejo de tê-las. No entanto, neste nosso atual mundo já tão contraditório, esta parece ser apenas mais uma das muitas e palpáveis contradições.

Tantas seriam as possíveis causas, as mais variadas, as hipóteses que se poderia levantar, a respeito dos motivos pelos quais se chegou a tal situação, porém nos parece sábio nos determos numa questão: qual a responsabilidade da escola, que papel ela tem desempenhado no desenrolar-se desse drama, dessa já quase tragédia?

O mundo de há trinta anos, sob alguns aspectos, pareceria irreconhecível ao jovem de hoje, no entanto insistimos em que ele aprenda da mesma maneira como se aprendia então. E quando lhe solicitamos algo dentro de mais modernos parâmetros, e ele ainda assim não corresponde, não nos lembramos de que por longos anos a escola tem se empenhado em adestrá-lo para tarefas repetitivas e decorativas, quase nunca para o desenvolvimento do ato pensar.

Assim sendo, como fazer para a reversão deste quadro tão desolador? Como podemos dar nossa contribuição para que o aluno perceba a importância da leitura, da reflexão, mais que importância, verdadeira necessidade, ele não será eternamente adolescente, terá de crescer, assumir responsabilidades, desempenhar o seu papel social. Para que isso aconteça, tem de tomar decisões, ter atitudes definidas, opiniões formadas a respeito de algumas coisas essenciais, como por exemplo, o que deseja da vida e o que tentará dar a ela. Como alcançar objetivos tão vitais, sem conhecimento? Conhecimento de si mesmo, da sociedade onde se encontra inserido, do amplo mundo além? Diz-se que “o mundo é o nosso quintal.” Precisamos conhecer nosso quintal tão bem quanto possível, para não tropeçarmos, não cairmos, nele caminharmos razoavelmente até mesmo no escuro. E uma das ferramentas importantes para essa aquisição, certamente é a leitura.

Mas de nada adiantará fazer discursos ao aluno. Ele terá - não por ser necessariamente desdenhoso, mas porque a fase em que vive, ou a vida que tem o leva a

ser assim - bastante satisfação em nos contrariar. O melhor caminho é dar-lhe oportunidade para que descubra, por si mesmo, essa necessidade, oferecendo textos em que ele possa ver-se, e à sua vida, refletidos. Textos que, embora às vezes brincalhões, sem obrigatória relação direta com a seriedade da existência, sejam pertinentes para o que queremos alcançar: que ele perceba significados no ato de ler, e novos significados, interaja com o texto, além, é evidente, de ser capaz de compreender adequadamente aquilo que está escrito, explícita e implicitamente. Isto porque não podemos aceitar que o aluno, como leitor, apenas receba passivamente o significado geral de um texto; não, ele deverá participar de sua reconstrução; como nos diz Orlandi, “ a relação entre o sujeito – leitor e o texto não é, pois, nem direta, nem mecânica. Ela passa por mediações, por determinações de muitas e variadas espécies que são a sua *experiência* da linguagem. Nem tampouco se pode separar, de forma estanque, a historicidade do texto e a do leitor. Elas são relativas (entre si) e se entrecruzam de várias maneiras no processo da leitura.”(ORLANDI, 2005, p.72)

Ao olharmos a leitura por essa perspectiva, percebemos que ela realmente pode fazer pensar sobre o que está explícito e implícito, sobre o que foi silenciado, sobre o momento histórico e social da criação do texto. É muito improvável que, depois de todo esse processo, o aluno não se volte para sua própria subjetividade, o momento e o lugar onde vive, numa tentativa de montar o grande quebra-cabeça que a vida lhe parece ser.

Levando em consideração essa necessidade de dar significação ao texto, a leitura, desde seu princípio, lá na fase de alfabetização, deveria considerar essa dimensão dialógica que os textos possuem, essa capacidade que eles têm de dialogar entre si e com o leitor, de contagiá-lo por outros sentidos, desvelando e multiplicando esses mesmos sentidos. Assim, talvez, o aluno tivesse mais prazer na leitura, estando habituado a desvelar e atribuir significados que realmente tivessem significado em sua vida. (DIRETRIZES CURRICULARES, 2006, p. 25).

DESENVOLVIMENTO

Como dito anteriormente, a sustentação teórica do meu trabalho encontra-se na Análise do Discurso. Mas o que é discurso?

No uso corrente da nossa língua, entendemos esta palavra como pronunciamento político, ou aquele texto mais sofisticado, em que se procura mostrar erudição, feito com eloqüência, ou mesmo uma frase colocada de forma primorosa. Ou ainda outras situações de fala, nos diferentes contextos sociais.

Mas vejam, até mesmo etimologicamente a palavra discurso revela muito, pois ela traz em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p.15)

Sob a ótica da Análise do Discurso, discurso seria, então, o lugar ocupado no tempo e no espaço por determinado sujeito, portanto sua ideologia, que precisa das palavras para se concretizar. Discurso seria o que somos como indivíduo, escola, cidade, bairro, região, país... tendo por suporte tudo o que esses elementos já foram no passado – e o que provavelmente serão no futuro, se materializando através da linguagem.

Para que haja o discurso, é necessária a presença do que, em Análise do Discurso nomeamos formação ideológica, isto é, o conjunto das idéias e atitudes relacionadas às posições ocupadas pelo sujeito, confrontando-se com outras forças, em determinado recorte social e histórico, e que, juntamente com outros elementos da AD, subsidiam o discurso. (FERREIRA, 2005, P. 15).

Pode-se dizer que a Análise do Discurso é uma teoria da leitura, ou melhor, que ela formula uma teoria da leitura, que se instituiu rompendo fundamentalmente com a Análise de Conteúdo, por um lado, e com a Filologia por outro.

Na Análise de Conteúdo, o sentido de um texto está nas informações que ele contém. Já para a AD o que existe é um efeito de sentidos entre interlocutores, isto é, a

interpretação do leitor vai depender, em grande parte, do lugar histórico-social ocupado por ele.

De acordo com a Filologia, o estudioso do texto deseja saber qual o seu significado ou a intenção do autor, através de sua escrita. Assim sendo, fica subentendido que existe um só sentido para o enunciado, portanto, apenas uma seria a interpretação verdadeira.

A Filologia também ignora que a sociedade é, e sempre foi, estratificada, não uniforme, e acaba por não considerar a relação dessas diferentes ideologias com o surgimento do texto, assim como não considera que a interpretação seja, na verdade, uma recriação da obra, e essa recriação sempre pode modificar-se, dependendo de quem seja o leitor, e de qual lugar ocupe na história e na sociedade.

Outro ponto de ruptura entre as duas teorias é que, enquanto para a Filologia um autor diz apenas e exatamente aquilo que deseja dizer, a AD considera a língua como algo opaco e polissêmico; o autor, como aquele que sempre diz algo mais, ou menos, ou relativamente diferenciado daquilo que deseja dizer.

Expresso de outra maneira, ao romper com a Filologia, a AD o faz nos seguintes sentidos: 1- como concebe a língua: menos precisa e menos transparente; 2- dá uma relevância menos individualizada para o autor; 3- considera a conjuntura sócio-histórica em que se deu a formação do texto e, depois, sua leitura.

Ao falarmos em leitura, e em todas as questões concernentes a ela, especialmente às múltiplas leituras, falamos de uma atividade de essencial importância, num mundo cada vez mais técnico e tecnológico, que se sofisticava e transforma com enorme velocidade. No que tange à escola, o grande problema é que esta insiste em aplicar seus ensinamentos e atividades como fazia há décadas e décadas atrás. Salvo algumas poucas exceções, não é muito diferente, os mecanismos são os mesmos, senão vejamos:

1-ler um livro escolhido pelo professor, para preenchimento de fichas, respostas a questionários, confecção de resumos, estudos para provas. Em suma, se lê apenas para obtenção de determinada nota. E o aluno aprendeu

a lição direitinho, ele só faz uma atividade se esta estiver vinculada a uma nota.

2-as escolas têm apresentado como parâmetro para leitura apenas os textos verbais do livro didático, e livros de conteúdo literário, quase sempre clássicos, cujo vocabulário é de difícil compreensão, pelo fato de muitas das palavras usadas já estarem em desuso; a escola ignora as demais linguagens que circulam e compõem todo um universo à volta do aluno. Aqui também ele aprendeu a lição dada: seu vocabulário está se reduzindo, e de cada dez palavras de uma explicação que ele dá, pelo menos duas são “tipo assim”.

3-na interpretação de leituras, a escola exerce sobre os alunos um poder implícito, ao ignorar a possibilidade de outras respostas, ignorando também as conexões que levaram àquelas deduções, fechando os alunos numa “camisa de força”, que é a aceitação apenas do que o livro didático traz como resposta aceitável, ou o professor julga conveniente. E o aluno mais uma vez aprendeu tão bem, que já não quer mais pensar. O exercício do pensamento parece-lhe esforço excessivo, é tão mais fácil falar, falar, falar...bobagens.

Dentro dos parâmetros da Análise do Discurso, essas são atitudes da escola que condenam os alunos a permanecer num estreito círculo, tendo sua visão de mundo obliterada, e as oportunidades de crescimento, cerceadas. Isto porque a língua, seja na oralidade ou na escrita, não deve ser algo alheio à vida do homem,. Não, pelo contrário, linguagem deve ser vivência, fazer parte da história do sujeito, e da esfera social onde o mesmo desempenha seu papel.

Como então, neutralizar, ou pelo menos minorar essa artificialidade que tomou conta da língua, dentro da escola, como se fosse alguma coisa à parte da existência de cada um em particular, e da sociedade como um todo?

Para a Análise do Discurso, a Língua não é um sistema abstrato, mas está no mundo, “participa da existência humana, seja considerando o homem como ser individual,

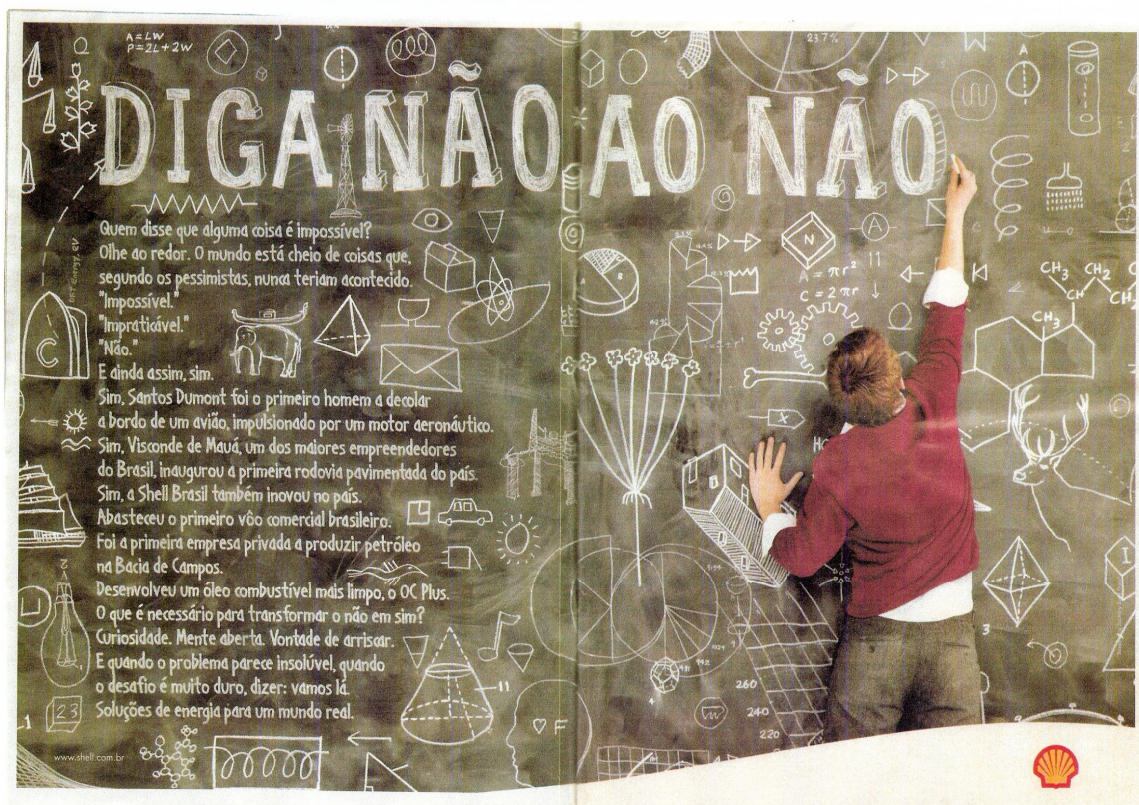
ou parte de determinada sociedade. Ela também considera a história do homem, e o momento ocupado por ele na História, assim como em que condições e situação o seu discurso foi, ou está sendo produzido; sendo assim, só podemos compreender a Língua como simbólica parte do social, que constitui o homem e sua história, isto é, fazendo sentido.

Então, como ignorar a resposta dada pelo aluno, ainda que num primeiro momento ela nos pareça até mesmo absurda? O professor deveria, no mínimo, procurar saber quais os caminhos mentais percorridos por ele, para chegar a tal conclusão. Compreender nosso aluno como sujeito discursivo significa ter a percepção das vozes sociais que falam por sua voz (FERNANDES, 2005). A esse respeito, Orlandi mostra que, “em análise do discurso, se considera que o que define o sujeito é o lugar do qual ele fala, em relação aos diferentes lugares de uma formação social.” (ORLANDI, 2005, 66).

Esse lugar ocupado pelo falante, no nosso caso, o aluno, é que estabelece o sentido que ele encontra no texto. Existe toda uma conjuntura sustentando esta compreensão, um caminho percorrido que, se não o levou ao sentido mais próximo daquilo que se esperava, foi o mais próximo que ele conseguiu atingir. Ao valorizarmos o seu esforço, mesmo que desse esforço não se colha os esperados frutos, estaremos incentivando-o e fazendo com que perceba que, embora haja degraus ainda, à sua frente, ele já atingiu alguns. No momento em que ele for capaz de fazer as necessárias conexões para perceber o que o levou a interpretar de um modo, e não de outro, estará construindo sua aprendizagem. Não de forma espontaneísta ou inseqüente, alguma coisa de fora para dentro, mas aprendizado real, com sua necessária compreensão.

O mundo caracteriza-se, cada vez mais, pela circulação de grande e variado volume das mais diferentes informações, em múltiplas linguagens. Ter a capacidade de ler e interpretar adequadamente estes diversos e diferenciados textos tornou-se imprescindível para o estabelecimento de relações entre as novas informações e aquelas que já eram de nosso conhecimento. Por isso a leitura e o domínio da linguagem são considerados instrumentos relevantes na apropriação de conhecimentos que contribuem para melhor desenvolvimento e realização pessoais, maior grau de autonomia para a atuação na sociedade, para o exercício pleno da cidadania.

Apenas a título de ilustração, sem a menor pretensão de que fizemos a abordagem da forma mais adequada, mas com a certeza do grande desejo de acertar, e de continuar tentando, vamos expor aqui duas atividades que foram trabalhadas com os alunos.



Primeiramente os alunos, em conjunto e oralmente, fizeram a leitura das imagens que compõem a propaganda. Foram descrevendo o que viam: fórmulas químicas, físicas e matemáticas, figuras geométricas, átomos, lâmpadas, navios, engrenagens, plataformas submarinas, torres petrolíferas, ferros de passar, como também desenhos de animais, notas musicais, casas, sol, flores, envelopes de cartas, enfim, desenhos ilustrativos do que parecem ser matérias científicas, mas que também dizem respeito à natureza, às emoções humanas, recobrem um quadro negro. Diante dele, um rapaz terminando de escrever uma frase em letras garrafais. Sua figura colorida sobressai-se, em meio às outras, todas em preto e branco. Num dos lados do quadro, entre desenhos, há um texto escrito e, no lado inverso inferior, sobre fundo branco, o logotipo da Shell, também colorido, em tamanho bem pequeno.

A seguir fizemos a leitura da frase escrita pelo rapaz, e do texto. Antes, quero lembrar que a contribuição dos alunos, nesse momento, é essencial, pois alguns notam dados importantes, e que haviam passado despercebidos, e assim vamos todos aprendendo.

Este é o texto:

Quem disse que alguma coisa é impossível?

Olhe ao redor. O mundo está cheio de coisas que, segundo os pessimistas, nunca teriam acontecido.

“Impossível.

“Impraticável.”

“Não.”

E ainda assim, sim.

Sim. Santos Dumont foi o primeiro homem a decolar

A bordo de um avião, impulsionado por um motor aeronáutico.

Sim. Visconde de Mauá, um dos maiores empreendedores

Do Brasil, inaugurou a primeira rodovia pavimentada do país.

Sim, a Shell Brasil também inovou no país.

Abasteceu o primeiro voo comercial brasileiro.

Foi a primeira empresa privada a produzir petróleo na Bacia de Campos.

Desenvolveu um óleo combustível mais limpo, o OC Plus.

O que é necessário para transformar o não em sim?

Curiosidade. Mente aberta. Vontade de arriscar.

E quando o problema parece insolúvel, quando

o desafio é muito duro, dizer: vamos lá.

Soluções de energia para um mundo real.

Entre tantas outras questões possíveis, selecionei algumas que foram colocadas para os alunos, e que transcrevo abaixo:

*esta frase nos recorda outras, recentemente veiculada em alguns suportes midiáticos. Você se lembra qual é ela?

*qual seria a importância da frase estar escrita em letras tão grandes? Qual o simbolismo guardado no seu tamanho?

*você concorda com os dizeres das sete primeiras linhas do texto? O que têm a acrescentar ou comentar?

*a seguir o texto veicula algumas importantes informações históricas, acontecidas em nosso país. O que elas têm em comum entre si, e em relação à empresa em questão? Aliás, qual é a empresa em questão? Qual o seu ramo de atividade?

* expliquem o que fica subentendido na parte da frase que sublinhamos: 'Sim, a Shell Brasil também inovou no país.'

*Vocês imaginam porque o logotipo da Shell, ainda que colorido, está em tamanho tão pequeno, deste lado da figura e não do outro?

*explícite as possíveis significações da frase: 'Soluções de energia para um mundo real.'

*qual a conotação da imagem colorida do rapaz, assim como o logotipo da Shell, em meio ao restante, em preto e branco?

*se você lesse este texto entre outros artigos de uma revista ou jornal, poderia considerá-lo ou não como um texto publicitário? Por quê?

*pela forma como é veiculada, essa propaganda pode ser facilmente compreendida pelas pessoas de todas as camadas sociais? Se não, a que tipo de público ela é direcionada? Por quê?

*o que a Shell quer que seus possíveis interlocutores leiam, no texto publicitário acima? Qual a imagem que ela quer nos passar?

*Agora, a imagem colorida do juvenzinho, especialmente se vinculada ao texto escrito, que lhe dá mais força, conota que a Shell, pelo menos na sua peça publicitária, tem qual tipo de conceito social da juventude?

*E vocês, concordam com isso? Qual o seu conceito sobre a juventude atual?

*Pensando no texto lido, se dependesse de você, o não poderia transformar-se em sim? De que você lançaria mão para fazer isso acontecer?

*Esta é uma pergunta pertinente à sua vida pessoal? Qual não você deveria mudar para sim?

Após esta análise coletiva, pedi que os alunos, em duplas, fizessem a análise de outras propagandas, e depois, criassem textos publicitários, portanto argumentativos, para duas das idéias abaixo:

*venda de um Fusca ano 66, já bem acabadinho.

*venda de um terreno de mata atlântica, não desmatável, portanto.

*venda de uma casinha, num morro carioca bem violento.

*anúncio de procura de parceiro(a) para namoro e, futuramente casamento, de alguém com oitenta anos.

Claro, antes conversamos com eles a respeito da importância do conhecimento, ainda que superficial, das idéias básicas presentes nos textos publicitários, e de sua desmontagem, pois quanto mais se conhece alguma coisa, mais se pode resistir a ela, se necessário. E de como o povo brasileiro é suscetível e está à mercê das mais caras e envolventes propagandas, enfim, conversamos sobre esses assuntos todos que circundam o mundo da publicidade.

Bem, grande parte dos textos apresentados foram comuns, mas alguns se mostraram muito criativos, divertidos e até mesmo maduros, captaram direitinho a força argumentativa implícita que o texto publicitário geralmente apresenta, e que lhe dá este caráter tão interessante. Mas principalmente escreveram com gosto, queriam ler seus textos, ficaram muito animados com a atividade! E foi aí que valeu a pena.

Uma outra atividade foi a leitura de fotos familiares antigas, o que deu-se do seguinte modo: a foto abaixo foi colocada na televisão da sala de aula, para análise.



Nessa leitura, também feita oralmente e em conjunto, perguntamos sobre o semblante de cada uma das personagens, se lhes pareciam todos iguais ou se cada um conotava um sentimento diferente, sobre a postura das moças, e se isso poderia ser alguma revelação sobre suas personalidades, porque as moças circulavam a senhora sentada, e quem poderia ser aquela senhora, como elas se vestiam, se essa vestimenta poderia revelar sua condição social, qual a possível época da foto, quais as pistas que levavam a tal conclusão, se as jovens tinham alguma semelhança, além da juventude, com as de hoje, se as mulheres idosas de agora se assemelham ou não à da foto, quais seriam as diferenças, como eram as relações entre pais e filhos, de modo geral, naquele tempo e hoje, e o que havia e há de positivo e negativo em cada época, o que seus netos pensarão, vendo as fotografias que hoje tiram, porque as fotos antigas revelam tanta formalidade e as atuais, informalidade. Enfim, são muitas as possibilidades de análise, e de muita riqueza, também.

Na aula seguinte eles trouxeram a foto mais antiga da família, em equipes fizeram a análise das mesmas, depois foram à frente da sala para mostrar e falar com os colegas sobre suas fotos. Dando continuidade ao trabalho, num dia determinado eles se vestiram como seus tataravós se vestiam, e foram fotografados. Então escreveram um texto falando sobre si mesmos, dos seus anseios, medos, esperanças, e um outro, em que contam um fato real acontecido com seus antepassados. Esses dois textos, mais a trova que já havíamos trabalhado, compôs, juntamente com as fotografias, um simples mas belo livro encadernado, onde eles celebram, ao mesmo tempo, sua identidade própria e familiar.

As fotografias, que em princípio não queriam fazer e alguns realmente não fizeram por considerar que seriam ridículas, e que com elas pagariam “mico”, são agora muito requisitadas. Eles adoram se ver, e querem cópias para guardar, já que o livro é acervo da escola.

Qual a importância de tal trabalho, além da motivação? Penso ser fundamental o jovem perceber-se inserido numa dada sociedade, encontrar-se, saber suas origens, conversar com os mais velhos sobre como eram as coisas, como viviam, quais as dificuldades, os sonhos. Penso que este é um dado importante para a formação de uma personalidade mais equilibrada e responsável.

Dando continuidade à minha explanação, sabe-se, é consenso que o grau de proficiência em leitura reflete-se na qualidade de vida dos indivíduos, por isso, quanto mais proficientes forem eles, melhores suas condições, em todos os sentidos. Estes são motivos mais que suficientes para que a escola reveja suas atividades de leitura em sala. Há tanto material de qualidade à nossa mão! Com a expansão tecnológica, o professor tem a possibilidade de usar uma grande variedade de materiais atraentes e instrutivos que, embora estejam por exemplo, na internet, e grande parte dos alunos tenha acesso a elas, não as procuram, seu interesse imediato está centrado em outras esferas. Mas quando o professor lhes possibilita esse acesso em sala de aula, dando-lhes os devidos subsídios, eles percebem sim, sua importância, e valorizam a atividade.

Por isso a necessidade de diversificação de materiais para leitura. Há propagandas, tiras, filmes, cartuns, pinturas, as próprias fotografias familiares, e uma interminável lista de outros materiais que podem tornar-se fonte riquíssima de leitura. Basta que o professor se disponha a lhes dar a devida atenção, se debruce sobre eles, para descobrir-lhes os caminhos secretos, e depois refaça esses caminhos, agora com seus alunos. É claro que sempre haverá os resistentes, os que reclamam de tudo, pois nada lhes agrada. Mas serão poucos, a satisfação dos outros os superará em muito! Isto sem falar que estes “textos” podem se desdobrar num variadíssimo leque de outras “leituras e interpretações” e recriações. Porque não podemos ignorar, a Análise do Discurso considera todo leitor um recriador do texto. “Assim, um texto (...) leva também ao desejo, a uma política de singularização do leitor que, convocado pelo texto, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, com a sua experiência de vida”.(DIRETRIZES CURRICULARES, 2006, P.25). Não se pode aceitar que o leitor apenas receba o significado geral de um discurso, mas sim, que ele participe da sua construção. Isso porque, como nos declara Orlandi,

“A relação entre o sujeito-leitor e o texto não é, pois, nem direta nem mecânica. Ela passa por mediações, por determinações de muitas e variadas espécies que são a sua *experiência* da linguagem. Nem tampouco se pode separar, de forma estanque, a historicidade do texto e a do leitor. Elas são relativas (entre si) e se entrecruzam de várias maneiras no processo de leitura.”(ORLANDI, 2005, p. 72)

Ao contrário do que supomos, nenhum enunciado é uno e único, todo discurso é resultante de inumeráveis outros, e carrega em si a marca da intertextualidade, ainda que a mesma possa não ser determinada com clareza. Portanto, cada discurso é formado, de alguma forma, por inumeráveis outros, que poucas vezes são passíveis de determinação.

Assim a leitura, para dar significado ao texto, desde sua fase inicial, na alfabetização, deve importar-se com essa dimensão dialógica, com a capacidade que os textos têm de dialogar entre si e com o leitor, de contagiar-se pelos sentidos, revelando e multiplicando estes mesmos sentidos. Conversar com os alunos sobre estas e outras questões da leitura é uma forma de leva-los a perceber a não – sobrenaturalidade do texto, o quanto este pode estar próximo de sua vida cotidiana, dos afazeres do dia-a dia. Ler é uma atividade natural, que todos apreciam naturalmente, exceto quando não encontraram o tipo de leitura que lhes agrada, ou foram convocados para ela de uma forma inadequada.

Vamos deixar claro, aqui, que não se trata de crucificar a escola como a grande e única responsável por este estado de coisas, sua culpa tem sido a de insistir na não-mudança, na comodidade do estabelecido e cristalizado, preocupando-se muito mais com preenchimentos burocráticos de papéis, do que com a busca de formas inovadoras que tentem, de fato, solucionar o gravíssimo problema. Tantas vezes se ouve, em conversas com professores: “Antigamente se aprendia tão bem! Por que não aprendem agora?” Certamente que ao se dizer tais palavras não se está levando em conta que a clientela era outra, o mundo era outro...Por que então não se experimentar um outro jeito de ensinar? O que se pode perder, além do tempo de estudo e preparação? Que aliás se converte em ganho, e grande ganho...de conhecimento, lógico.

Assim sendo, em que medida a AD pode auxiliar na formação de alunos proficientes em leitura?

A AD, ao conceber a língua como algo não transparente e único; ao repensar a condição do autor como aquele que não tem o domínio total de significação de seu texto; ao considerar a importância do espaço-temporal em que se deu a criação, passa a valorizar o leitor, e todo seu prévio conhecimento, sua ideologia, sua capacidade de recriação do texto, as suas possibilidades de compreensão das condições de produção que permitiram aquela abordagem.

A leitura torna-se, então, não um gesto utilitário, apenas subsídio para melhorar a escrita, informar, ou oferecer satisfação e entretenimento, mas principalmente, um momento de diálogo do leitor com o texto, com outros textos, com sua própria vivência, com outras vivências.

Leitura não pode ser a passiva aceitação de algo pronto, terminado, mas uma atividade construtiva, que permite a interação entre os interlocutores e os espaços de discursividade. Esta forma de propor a leitura objetiva a transformação do leitor e, através deste, da sociedade.

Como nos demonstra Melo, “nesse sentido a leitura crítica da comunicação adquire a dimensão da inovatividade, da criatividade, servindo de ancoragem para uma ação político-cultural de vanguarda por parte do público leitor.” (MELO, 2005, p.108)

A leitura, principalmente pela perspectiva da AD, faz pensar sobre o que está explícito no texto, sobre o que foi silenciado, sobre o momento histórico e social da criação do texto. É quase impossível que o leitor, depois de todo esse processo, não se volte para sua própria subjetividade, o momento e o lugar em que vive e, por que não? àquilo que o futuro poderá trazer.

Pela concepção e abordagem que dá ao texto, o modo como vê os bastidores, o palco e os personagens desse jogo complexo chamado linguagem, a AD leva a questionamentos sobre o exacerbado individualismo que permeia as ações e os pensamentos, e quanto se perde com isso, em humanidade.

Veja, a AD não retira nada, ela complementa, enriquece. Pela percepção que traz da natureza múltipla do discurso, e sua eterna incompletude; pela recuperação da intertextualidade nele oculta e pela presença dos seus vazios, sempre à espera.

Fico imaginando que ela nos ajuda a não esquecer de que, além do mistério latente no texto, há um mistério maior, e talvez mais belo, no coração de cada leitor.(Diretrizes Curriculares, 2006)

CONCLUSÃO

Ao fim destas reflexões acerca da leitura, e de como tentei inseri-la na implementação de meu Plano de Trabalho, devo dizer que alguns momentos foram sofridos, bastante decepcionantes. É muito doloroso ter a exata compreensão de que tudo aquilo em que você se empenhou, preparou com carinho, na esperança de alcançar seu aluno, foi vão, nem sequer aproximou-se da sua mente ou do seu coração. Claro, houve situações de fracasso. Porém existiram momentos de grande alegria e exultamento, em nossa vida profissional pode haver situação mais feliz que ver os olhos do seu aluno atentos e brilhantes? E são esses os momentos que ficarão, guardados como preciosos alicerces para outras tentativas, outras esperanças. Porque, para que a leitura possa oferecer ao leitor o que tem de melhor, deve tornar-se não mais apenas um ato utilitário, subsídio somente para melhorar a escrita, informar, ou oferecer satisfação e entretenimento, mas principalmente, que seja um momento de diálogo do leitor com o texto, com outros textos, com sua própria e outras vivências. Oportunizando esses momentos, e oportunizando a que esses momentos se transformem em hábito, daremos grande contribuição à causa educacional; daremos, além e muito mais de que simplesmente conteúdos, conhecimento. Conhecimento para que o aluno possa entender e coordenar as próprias mudanças, assim como para interagir no mundo, transformando-o em um lugar melhor. E se não acreditarmos nisso, apesar das dúvidas, das incertezas e das dificuldades, nossa vida será de escuros dias e não poderemos levar nenhuma luz ao coração do nosso aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POSSENTI, S. (2004) Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: Mussalin, F. e Bentes. A. C. (org.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. S. Paulo, Cortez Editora.

FERNANDES, C. A., *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 1 ed. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GREGOLIN, M. R., *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. 1 ed. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

NAVARRO, P. L. A leitura ad infinitum da interpretação e a problemática da interação autor/texto/leitor. CALSA, G. C., RODRIGUES, E., NEGRÃO, S. M. V. (org.) *Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano*.1 ed. Maringá: 2004.

BREVES FILHO, J. S., *Pelos Túneis do Tempo: Tecendo uma proposta de leitura*. 1 ed. Imperatriz: Ética Editora, 1996

GREGOLIN, M. R. AD : Descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (org.) *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos :Claraluz, 2006.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Editora Pontes, 1999.

ZILBERMAN, R. e EZEQUIEL, T. S. (org). *Leitura - Perspectivas interdisciplinares*. 5 ed., São Paulo: Editora Ática, 2005.

NASCIMENTO, E. M. GREGOLIN, M. R. V. (org) *Problemas Atuais da Análise do Discurso*. Araraquara: Seção Gráfica da Unesp, 1994

MARCHEZI, V. L. C.; BORGATO, A.M.T. e BERTIN, T.C.H.(org.) *Cadernos Pedagógicos: Viagem Nestlé Pela Literatura*. Fundação Nestlé Brasil, 2006.